

Lost in Spain: dois poemas de Fernando Pessoa reencontrados

Gianluca Miraglia*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, José Antonio Llardent, Espanha, *Poesía – Revista Ilustrada de Información Poética*.

Resumo

Reproduzem-se aqui dois poemas de Fernando Pessoa que, embora tenham sido publicados na revista espanhola *Poesía*, primeira edição em 1980 e segunda edição em 1995, não foram sucessivamente integrados nos vários volumes da obra em verso editados quer pela Equipa Pessoa, quer pela Assírio & Alvim.

Keywords

Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, José Antonio Llardent, Spain, *Poesía – Revista Ilustrada de Información Poética*.

Abstract

We reproduce here two poems by Fernando Pessoa that although they were published in the Spanish review *Poesía*, first edition in 1980 and second edition in 1995, were not recollected in the several books of poetry published by the Equipa Pessoa and by Assírio & Alvim.

* Centro de Tradições Populares Portuguesas/Polo CLEPUL.

A *Fotobiografia de Fernando Pessoa*, que Maria José de Lencastre organizou em 1981, constituiu um marco fundamental para o desenvolvimento dos estudos pessoanos na sua vertente biográfica: mercê duma ampla recolha de imagens, retratos e textos íntimos, que posteriormente reapareceram noutras iniciativas editoriais afins, fixou a iconografia que, desde então, acompanha, completa e enriquece a difusão da obra literária do autor da *Mensagem*. Antes deste livro, todavia, houve outras publicações que visaram a divulgação da faceta mais íntima do poeta, entre as quais ressalta o número monográfico da revista espanhola *Poesía*, vindo à luz na primavera de 1980. Foi justamente nesta revista que, graças à colaboração de Eduardo Freitas da Costa, que os pessoanos lembram sobretudo pelo oportuno *Fernando Pessoa: notas a uma biografia romanceada*¹, apareceram fotografias, imagens e também a reprodução de documentos de grande relevância como é o caso, por exemplo, dos primeiros versos dedicados à mãe e da longa carta a Tia Anica, na qual Pessoa descreve as suas primeiras experiências mediúnicas.

A leitura do índice da revista (veja-se a Fig. 1), revela a presença de um texto, na página 34, até à data inédito (Fig. 2). É justamente a publicação deste poema que está na origem destas breves notas, pois, *incredibile dictu*, o poema não se encontra nos vários volumes editados a partir dos anos 90 e que reúnem, na sua quase totalidade, a Obra Poética de Fernando Pessoa, quer os organizados pela Edição Crítica, quer os publicados pela Assírio & Alvim, apesar de ter sido incluído no livro *Antologia de Álvaro de Campos* (1987), com uma longa nota explicativa do tradutor e organizador, José Llardent, que cito a seguir, para depois comentá-la:

Inédito en vida del autor. Procedente del archivo de Eduardo Freitas da Costa, este poema se publicó por primera vez en *Poesía*, 7-8 (número monográfico dedicado a Fernando Pessoa), Madrid, primavera [sic] 1980, pp. 34-35.

Aunque se trata de un texto sin firma, la atribución a Álvaro de Campos parece indudable. No ha sido incluido todavía en *Obra completas*, II, ni en *Obra poética*.

Carece de fecha, pero ciertas referencias del poema inducen a suponer que fue escrito durante la primera guerra mundial. Abona esta hipótesis el hecho de que el original, manuscrito, es el dorso de un sobre dirigido a Pessoa por Sá-Carneiro con matasellos de París del 28 de diciembre de 1915.

La transcripción del casi ilegible manuscrito se debe a Eduardo Freitas da Costa. La traducción se hizo entre Freitas da Costa y el autor de esta nota en octubre de 1979.

(in Pessoa, 1987: 214)²

¹ Eduardo Freitas da Costa, sobrinho de Fernando Pessoa, organizou também o volume *Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa*, Lisboa: Ática, 1952, volume VI da série “Obras Completas de Fernando Pessoa”.

² Este volume, que constitui uma versão ampliada da antologia bilingue publicada por Llardent em 1978, foi reimpresso em 2008. José Antonio Llardent (1925-1987), que nasceu em Portugal, onde viveu até à adolescência, organizou também outros volumes de textos pessoanos: *El Banquero Anarquista*, Valência: Pre-Textos, 1983; *Primer Fausto: fragmentos*, Madrid: Entregas de la Ventura, 1980; e uma antología intitulada *Poesía*, Madrid, Alianza, 1983, reimpressa em 2007. A

| I N D I C E | |
|---|-------------|
| | <i>Pág.</i> |
| FERNANDO PESSOA EN PALABRAS Y EN IMÁGENES | |
| | 7 |
| Fragmentos sobre F. P. | 9 |
| Tabla cronológica | 9 |
| Nota biográfica de José de Almada Negreiros. | 17 |
| Nota biográfica de Mário de Sá-Carneiro. | 21 |
| Carta de F. P. a Ana Luísa Nogueira Pinheiro de Freitas | 25 |
| Un poema inédito de F. P. | 34 |
| «Todas las cartas de amor...» | 36 |
| F. P. habla de los heterónimos. | 44 |
| Nota biográfica de Aleister Crowley | 49 |
| Lisboa en F. P., Álbum | 52 |
| TEXTOS | |
| FERNANDO PESSOA (ortónimo) | |
| | 79 |
| <i>Nota preliminar</i> | 80 |
| Doble | 81 |
| Lluvia oblicua | 82 |
| Episodios / La momia. | 87 |
| [Sí, haré...; y hora tras hora pasa el día] | 91 |
| [Tal vez un día haga un poema mío] | 92 |
| [¡Sosiega, corazón! ¡No desesperes!]. | 93 |
| Ante la tumba de Christian Rosencreutz. | 94 |
| Epitafios | 97 |
| [Los dioses son felices] | 100 |
| ALBERTO CAEIRO | |
| | 101 |
| <i>Nota preliminar</i> | 102 |
| I. [Yo nunca guardé rebaños] | 103 |
| V. [Tiene bastante metafísica el no pensar en nada] | 105 |
| X. [Hola, guardador de rebaños]. | 107 |
| XII. [Los pastores de Virgilio...] | 108 |
| XIII. [Leve, leve, muy leve] | 109 |
| XIX. [La luz de la luna cuando bate la hierba] | 110 |
| XXVI. [A veces, en días de luz perfecta y exacta] | 111 |
| XXXVI. [Y hay poetas que son artistas] | 112 |
| XXXVII. [Como un gran manchón de fuego sucio] | 113 |
| XXXIX. [¿Dónde está el misterio de las cosas?] | 114 |
| XLV. [Hay una hilera de árboles en la lejanía...] | 115 |
| XLIX. [Me retiro hacia dentro y cierro la ventana] | 116 |
| [El amor es una compañía] | 117 |
| [Al pastor amoroso se le perdió el cayado] | 118 |
| [Pasé la noche entera sin dormir...] | 119 |
| [Todos los días me despierto ahora...] | 120 |
| [Desconocida y sucia criatura que juegas...] | 121 |
| [Verdad, mentira, cierto, incierto...] | 122 |
| [Pastor del monte, tan lejos de mí...] | 123 |
| [Todo lo que se ha opinado sobre la naturaleza] | 124 |
| Poco a poco el campo se ensancha...] | 125 |
| [En el cuenco que elevo hasta la boca...] | 126 |
| [La nieve ha puesto un mantel calado sobre todo] | 127 |
| [Poco me importa]. | 128 |

Fig. 1. *Poesía – Revista Ilustrada de Información Poética.*

“Notícia biográfica de Álvaro de Campos”, que serve de prefácio à antologia dedicada ao heterónimo, é, nas palavras do tradutor “un resumen del capítulo VI del libro *Biografías de Fernando Pessoa*, en preparación” (Pessoa, 1987: i), livro que não chegou a ser editado. Na segunda edição aumentada da revista *Poesía* foram publicadas postumamente umas notas, que se destinavam a uma nova edição da antologia de 1983, com o título “Sobre heteronimia” (*Poesía*, 1995: 215-222).

A decisão de atribuir o texto ao heterónimo Álvaro de Campos parece-me ser suficientemente motivada, embora seja notório que, em particular no período que vai de 1914 a 1917, existem várias composições em verso livre do ortónimo que revelam grandes semelhanças com as assinadas por Álvaro de Campos, o que torna a sua correcta atribuição por vezes duvidosa. Baste lembrar o caso paradigmático do poema, “A Casa Branca Nau Preta”, que durante largos anos foi considerado obra do heterónimo até que se descobriu ter sido publicado no jornal *Heraldo de Faro*, em 1917, e assinado por Fernando Pessoa, director do *Orpheu*; foi precisamente por esta razão que as edições da Imprensa Nacional e da Assírio resolveram pô-lo à margem, ou mesmo excluí-lo, do corpus de Álvaro de Campos³. A leitura do manuscrito, de qualquer modo, parece indicar de forma suficientemente clara, em virtude do tom, do ritmo e da escolha lexical, a autoria do engenheiro na sua fase sensacionista, para utilizarmos a classificação de Teresa Rita Lopes.

Tratar-se-á de um poema, ou de uma estrofe que integraria uma composição poética mais ampla? Por um lado, o manuscrito aparenta ser uma composição à qual não falta coerência e coesão, em suma um texto perfeitamente acabado, por outro, se pensarmos no *usus scribendi* de Pessoa – e de Campos, na sua fase sensacionista, que se manifesta em regra na redacção de poemas extensos –, não é de excluir a possibilidade de os versos escritos no envelope da carta de Mário de Sá-Carneiro serem destinados a fazer parte duma composição mais ampla, que poderia ser, neste caso, a “Ode marcial”; veja-se, em particular, o fragmento com a cota 64-42 da BNP (espólio 3), transcrito nas edições da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Pessoa, 1990: 171) e da Assírio & Alvim (Pessoa, 2002: 557). Quer se trate de poema isolado, quer se trate de fragmento de composição mais ampla, a datação deve ser próxima da indicada pelo selo da carta, visto que a temática remete para um conjunto de poemas que Pessoa escreveu, em português e em inglês, inspirados na Primeira Guerra Mundial (cf. Lind, 1981: 425-447). A seguir, apresenta-se uma nova transcrição do original manuscrito, feita em colaboração com Jerónimo Pizarro, que respeita a disposição dos versos proposta por Eduardo Freitas da Costa, mas diverge na leitura de algumas palavras; interpreto a linha quebrada ao lado da palavra “Castello” como sinal de inserção dos três versos escritos no lado esquerdo,:

Torre de Aço⁴ das grandes aspirações
 Vem sobre nós como um vendaval de espadas
 Desaba sobre nós como uma catarata de fogo!
 Ata a nossa podridão, a nossa debil batida
 Ao carro da tua victoria,

³ Sobre o problema da atribuição de textos não assinados a Campos, leiam-se as reflexões de C. Berardinelli (Pessoa, 1990: 17-27) e T. R. Lopes (Pessoa, 2002: 637-642).

⁴ A forma plural foi substituída pela singular: Aç<os>/o\.

Leva-nos⁵ presos no teu triumpho louro!
 Fons Vitae da Ordem e da Disciplina!
 Escrupulo matutino nos grandes dias da Força!
 Minerva do sangue e do fogo!
 Matrona da Urbe e dos Deuses!⁶
 Ponte romana entre a Grecia antiga e □⁷ futura.
 Castello sobre o Rheno,
 Livra-nos da liberdade!
 Despe-nos da fraternidade e do equalitarismo!

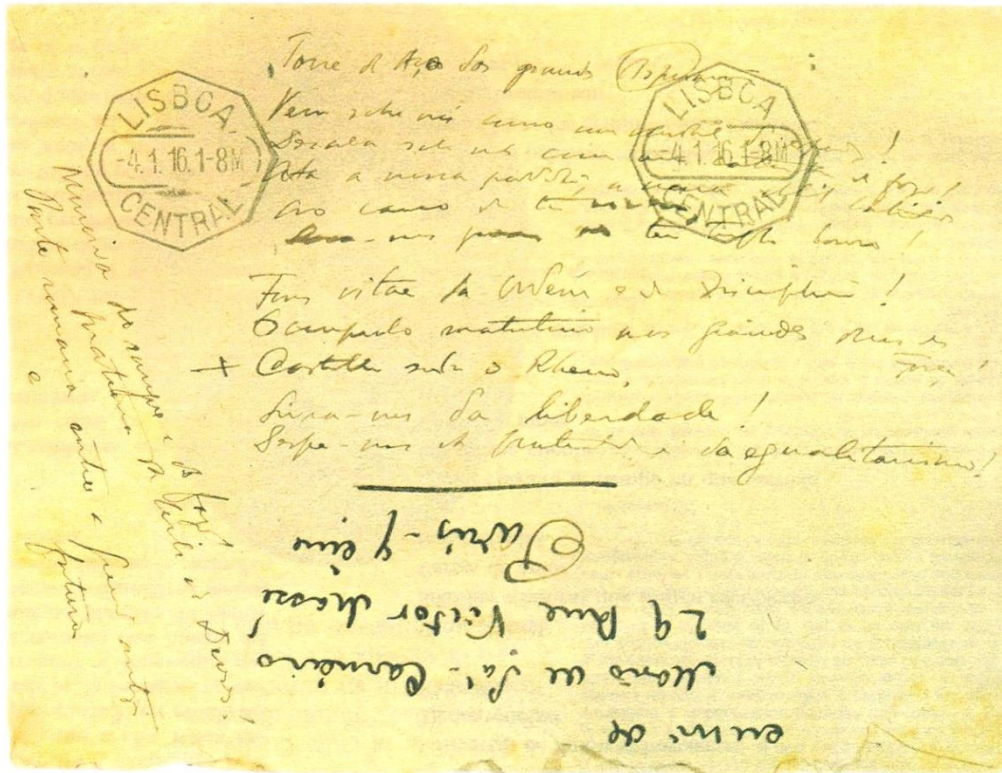


Fig. 2. Poema "Torre de Aço."

As surpresas que a revista *Poesia* reserva aos pessoanos não acabam aqui, pois do número monográfico dedicado a Pessoa fez-se, em 1995, uma segunda edição, com ligeiras alterações, a mais importante das quais consiste na divulgação de mais um poema inédito, sempre procedente do espólio de Eduardo Freitas da Costa, e cujo destino editorial foi em todo semelhante ao do texto que acabamos de

⁵ Leitura conjectural ("Leva-nos").

⁶ Leitura conjectural; na revista *Poesia* figura "Matrona da Arte[?] dos Deuses", mas o pretense "A" inicial está muito aberto e falta o traço horizontal no suposto "t".

⁷ O quadrado branco representa um espaço em branco deixado pelo autor. Neste caso, pessoa não terá encontrado rapidamente um sinónimo para Grécia.

comentar: não chegou até os volumes da INCM e da Assírio & Alvim (veja-se a Fig. 3)⁸.

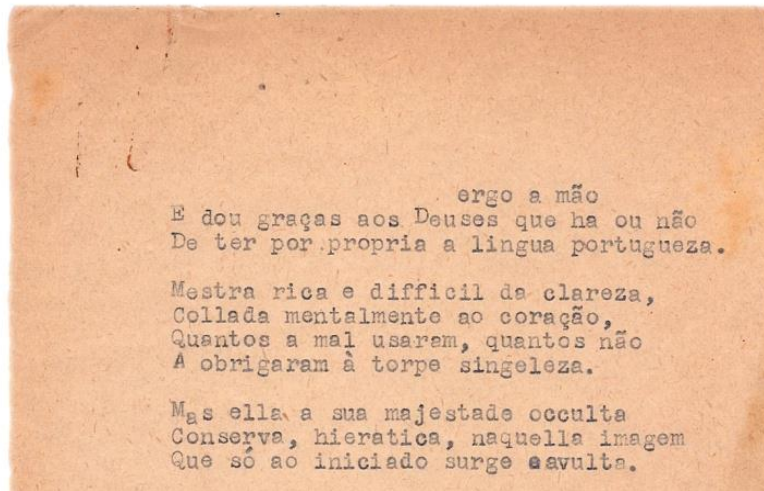


Fig. 3. Segundo poema inédito.

O texto dactilografado, não assinado, é com muita probabilidade de autoria do ortónimo e deve ter uma datação mais tardia em relação ao poema de Álvaro de Campos. A análise das três estrofes denuncia o seu carácter fragmentário e incompleto: a última é um terceto, a penúltima uma quadra, com rimas interpoladas, enquanto a primeira estrofe, pelo esquema rimático, leva a pensar que se trate de mais uma quadra à qual falta um verso e um hemistíquio. Quem tenha lido as páginas que Pessoa dedicou à descrição das línguas imperiais, notará certa afinidade na forma como caracteriza a língua portuguesa (cf. Fig. 4)⁹:

Assim, na epocha moderna, ha 2 grupos de linguas – as do Norte, e as do Sul, da Europa; denominam-se, em geral, germanicas e latinas, respectivamente.

De tendencia pertence em cada grupo destes a victoria cultural á lingua mais capaz de exprimir, á mais rica não só em termos e phrases, como tambem em capacidade de expressão, em riqueza grammatical, por assim dizer. Poder-se-ha dizer nesta lingua o que não pode dizer-se nas outras. Das linguas dictas latinas é a portugueza a mais rica e a mais complexa. [...]

Condições immediatas do Imperio de Cultura:

⁸ Agradeço a Miguel Freitas da Costa o ter chamado a minha atenção para o facto de a segunda edição da revista *Poesia* não ser exactamente igual à primeira, e também o ter disponibilizado, com grande amabilidade e simpatia, cópia digitalizada do inédito guardado no espólio de Eduardo Freitas da Costa que aqui se reproduz.

⁹ É por demais evidente, e quase escusado relembrá-la, também a afinidade com as célebres reflexões de Bernardo Soares sobre uma página de Vieira: “Aquele movimento hierático da nossa clara língua magestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são côres ideais [...] Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que me não incomodassem pessoalmente” (Pessoa, 2013: 401-402).

Imposição
espiritual

- (1) Uma língua apta para isso; isto é: (a) rica, (b) grammaticalmente completa, (c) fortemente “nacional”.
- (2) O apparecimento de homens de genio litterario, escrevendo nessa lingua, e illustrando-a: (a) de genio universal e permanentemente apprehensivel dentro da humanidade, (b) de genio de perfeição linguistica, (c) [a concorrência de outros factores culturaes para o conteúdo d’essas obras de genio.]¹⁰
- (3) A base material imperial para se poder expandir (ainda mais) essa lingua, e impol-a. (Imposição material). (a) Numero de gente fallando-a inicialmente, (b) extensão da distribuição geographica, (c) conquista e occupação¹¹ proposta.

Complexidade vocalica (mais que consonantal); a complexidade tonica; □
(BNP/E3, 55L- 59; in Pessoa, 1979: 228-229)

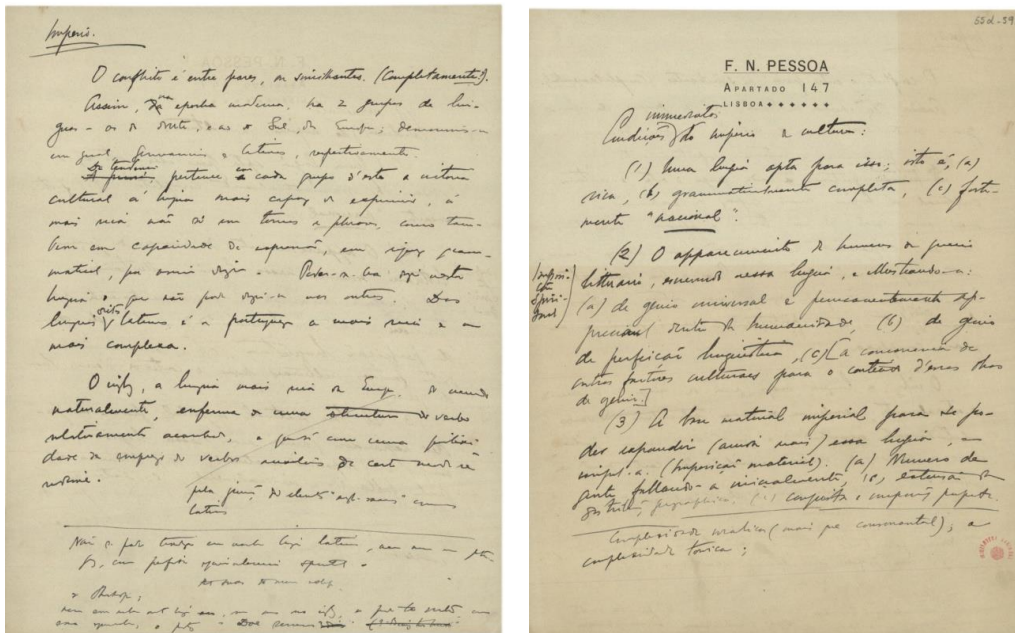


Fig. 4. Texto intitulado “Imperio”.

¹⁰ Entre parênteses rectos no original, indicando a hesitação do autor.

¹¹ Leitura conjectural; poderá ser também “imposição”, embora faltem os pontos dos “i”.

Pelo que eu sei, e isto torna ainda mais importante a redescoberta deste texto poético, até agora se conhece unicamente um poema que faz do idioma português o seu tema, a composição que começa com os versos “A nossa magna lingua portugueza | De nobres sons é um thesouro” (Pessoa, 2001: 204).

Em conclusão, o ter reencontrado estes dois poemas, que jaziam esquecidos há tantos anos em revistas de Espanha, significa colocá-los de novo à disposição dos estudiosos da obra de Fernando Pessoa, inclusive dos que compulsam com assiduidade os documentos conservados no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal, pois nele não se encontram, para que sejam, desde já, objecto de análise e exegese, enquanto aguardam por uma sua futura integração nas reedições ou nas novas edições da poesia de Fernando Pessoa.

Bibliografia

- COSTA, Eduardo Freitas da (1951). *Notas a uma biografia romanceada*. Lisboa: Guimarães & C.^a Editores.
- LIND, Georg Rudolf (1981). *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Tradução de Margarida Lieblich Losa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Poesía*, Revista Ilustrada de Información Poética, n.º 7/8, Madrid, Primavera de 1980. [cf. o volumen, *Fernando Pessoa en Palabras y en Imágenes*. *Revista Poesía* n.º 8. José Antonio Llardent (org.; trad.). Madrid: Ediciones Siruela, 1995.]
- PESSOA, Fernando (2013). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2002). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2001). *Poemas de Fernando Pessoa, 1921-1930*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, volume I, tomo 3.
- ____ (1990). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, volume II.
- ____ (1987). *Antología de Álvaro de Campos*. Edición de José Antonio Llardent. Madrid: Alianza.
- ____ (1979). *Sobre Portugal – Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão. Introdução e organização, Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1978). *Antología de Álvaro de Campos*. Edición de José Antonio Llardent. Madrid: Editora Nacional.